

Tipo: Artículo original - **Sección:** Artículos varios

Aula de música, de Patrícia Lino, como recriação metafórica da pós-autonomia da literatura

Aula de música, de Patrícia Lino, como recreación metafórica de la post-autónoma de la literatura

Adriano Guedes Carneiro

Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-5830-5128>

e-mail: adriano_guedes@id.uff.br

Karina Frez Cursino

Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-8571-1706>

e-mail: karina.friburgo@gmail.com

Recibido: 16/2/2024

Aprobado: 7/7/2024

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar e discutir o livro *Aula de música*, da poeta, ensaísta e professora da University of California, Los Angeles (UCLA), Patrícia Lino. O livro é oferecido como um “poema em quadrinhos”, em que – de forma épica – é contado em versos o incidente que levou à morte de Lino, o professor de música “que executava o canto com cítara e movia pedras e árvores” (PSEUDO APOLODORO), assassinado pelo “herói” grego, Hércules, aquele responsável pelos doze trabalhos. Lino é mencionado em apenas um verso da *Ilíada* de Homero: “o hino de Lino entoava com voz delicada, à cadência” (HOMERO). No entanto, já existem traduções em que seu nome nem sequer aparece mais. Ao contrário de seu assassino, Hércules, cujo nome e feitos são permanentemente celebrados no Ocidente até hoje, o que nos permite compartilhar a advertência sob a forma de questionamento da autora: “pois não perde sempre a delicadeza para a força bruta?” (LINO). É possível pensar em Walter Benjamin para quem “enquanto os sofrimentos de um único ser humano forem esquecidos, não haverá libertação.” Hércules, o filho de Zeus, foi absolvido perante o tribunal, invocando a Lei Radamantis, por legítima defesa, pela morte do velho professor. A obra de Patrícia Lino incita a discussão tanto a partir da forma quanto do conteúdo. Sob a forma, *Aula de música* rompe com os limites entre os gêneros literários e artísticos, pois mescla literatura, desenho e música, através de uma concepção performática, centrada em uma proposta de literatura pós-autônoma. Assim, ela promove o entre lugar, entre poesia e história em quadrinhos, entre intertexto e adaptação, na recriação da música por meio de imagens. Busca, inclusive, a diferença na repetição, pois, no livro trilingue, temos a versão do poema em português, espanhol e inglês e o também o simulacro na cópia, porque não se pretende emular o mito grego, mas rediscuti-lo, tanto sob uma perspectiva simbólica quanto à sobrevivência mesmo do mito (o que nos permite pensar na relação com a *nachleben* de Aby Warburg, como empregado por Didi-Huberman). Patrícia Lino afirmou recentemente em evento na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) que “a Grécia também é lugar de disputa”. Logo é necessário revisitar esses mitos gregos, a partir de uma perspectiva decolonial e feminista, para enfim exorcizar de nosso imaginário uma Hélade masculina, branca, loura, machista e racista. Para tanto se amparou no pensamento de Walter Benjamin, Aby Warburg, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Georges Didi-Huberman, Michel Löwy, Flora Süssekind e Josefina Ludmer.

Palavras-Chave: Patrícia Lino; Literatura pós-autônoma; Hércules; Grécia.

Conflictos de Interés: ninguno que declarar

Fuente de financiamiento: sin fuente de financiamiento.

DOI: <https://doi.org/10.47133/NEMITYRA20240602b-A1>

BIBLID: 2707-1642, 6, 2, pp. 3-9

Editor responsable: Valentina Canese (<https://orcid.org/0000-0002-1584-7322>). Universidad Nacional de Asunción, Instituto Superior de Lenguas, Paraguay.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es presentar y discutir el libro *Aula de Música*, de la poeta, ensayista y profesora de la Universidad de California, Los Ángeles (UCLA), Patrícia Lino. El libro se ofrece como un “poema cómico”, en el que -en forma épica- se narra el incidente que provocó la muerte de Lino, el profesor de música “que cantaba con cítara y movía piedras y árboles” (PSEUDO APOLLODORO), asesinado por el “héroe” griego, Heracles, el responsable de los doce trabajos. Lino es mencionado en solo un verso de la *Iliada* de Homero: “El himno de Lino fue cantado con voz delicada, con cadencia” (HOMER). Sin embargo, ahora hay traducciones en las que su nombre ya ni siquiera aparece. A diferencia de su asesino, Heracles, cuyo nombre y hazañas se celebran permanentemente en Occidente hasta el día de hoy, lo que nos permite compartir la advertencia en forma de pregunta del autor: “¿No siempre se pierde la delicadeza ante la fuerza bruta?” (LINO). Es posible pensar en Walter Benjamin para quien “mientras se olviden los sufrimientos de un solo ser humano, no habrá liberación”. Heracles, el hijo de Zeus, fue absuelto ante el tribunal, invocando la Ley Radamantis, en defensa propia, por la muerte del viejo maestro. La obra de Patrícia Lino fomenta la discusión tanto en términos de forma como de contenido. Formalmente, *Clase de Música* rompe las fronteras entre géneros literarios y artísticos, ya que mezcla literatura, dibujo y música, a través de una concepción performativa, centrada en una propuesta de literatura posautónoma. Promueve así la brecha entre lugar, entre poesía y cómic, entre intertexto y adaptación, en la recreación de la música a través de imágenes. Se busca incluso la diferencia en la repetición, porque, en el libro trilingüe, tenemos la versión del poema en portugués, español e inglés y también el simulacro en la copia, porque la intención no es emular el mito griego, sino recrearlo. -discutirlo, ambos bajo una perspectiva simbólica respecto de la supervivencia misma del mito (lo que permite pensar en la relación con el *nachleben* de Aby Warburg, tal como lo utiliza Didi-Huberman). Patrícia Lino afirmó recientemente en un evento en la Universidad Estatal de Río de Janeiro (UERJ) que “Grecia es también un lugar de disputa”. Por tanto, es necesario visitar estos mitos griegos, desde una perspectiva decolonial y feminista, para exorcizar finalmente de nuestro imaginario una Hellas masculina, blanca, rubia, sexista y racista. Para ello se basó en los pensamientos de Walter Benjamin, Aby Warburg, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Georges Didi-Huberman, Michel Löwy, Flora Süssekind y Josefina Ludmer.

Palabras clave: Patrícia Lino; Literatura post-autónoma; Heracles; Grecia.

Desenvolvimento

O objetivo deste artigo é apresentar e discutir o livro **Aula de música**, de Patrícia Lino. Inicialmente sob a perspectiva de que o mesmo rompe os limites entre os gêneros literários e artísticos, já que se apresenta como um “poema em quadinhos”, mesclando a literatura, o desenho e a música, através de uma concepção performática, centrada numa proposta de literatura pós-autônoma. Num entre-lugar, entre poesia e história em quadinhos, entre intertexto e adaptação, na recriação da música por meio das imagens, buscando a diferença na repetição, o simulacro na cópia, a autora se propõe a questionar uma série de valores culturais e artísticos tipicamente ocidentais e/ou ocidentalizados, com o fim de estabelecer uma perspectiva diferenciada para a observação e o entendimento destes fenômenos. Como ela mesma disse recentemente: “a Grécia também é local de disputa”. Ou como sugere Walter Benjamin: reescrever a história sob a perspectiva dos vencidos.

Patrícia Lino é poeta, ensaísta e professora universitária na University of California, Los Angeles – UCLA –, em que leciona literatura e artes visuais afro-luso-brasileiras. Publicou até o momento **Aula de música** (2022), o **Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial** (2020), **No es esto un libro** (2020) e **Manoel de Barros e a poesia cínica**. O círculo dos três movimentos com vistas ao Homem-Árvore (2019). Dirigiu recentemente “DAEDALUS 22/1” (2021), “Anticorpo. Uma paródia do império risível” (2019) e “Vibrant Hands” (2019). Lançou também o álbum de poesia mixada “I Who Cannot Sing” (2020) e traduziu autoras como Nicanor Parra (2018) e Gertrude Stein (Barriga ao Alto, 2023) para o português. A sua investigação centra-se na poesia contemporânea, culturas visual e audiovisual, paródia, anticolonialismo e cinema luso-brasileiro. É membro integrado do UCLA Latin American Institute, colaboradora do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e co-coordenadora d'A Coleção, linha editorial das Edições Macondo dedicada à publicação

da poesia portuguesa contemporânea no Brasil. Lino foi igualmente professora visitante na Yale University e uma das autoras convidadas da 20ª edição da FLIP — Festa Literária Internacional de Paraty¹.

A inquietude e os questionamentos que permeiam as obras de Lino, no que diz respeito à estrutura e ao conteúdo, movimentam a ideia de “experiências corais”, apresentada em *Objetos verbais não identificados: um ensaio de Flora Süssekind* (2013). A partir da observação da crescente presença de “formas corais” na literatura brasileira contemporânea, Süssekind contribui ainda para a reflexão da literatura contemporânea fora do território brasileiro, permitindo que possamos pensar em **Aula de Música** a partir de suas características corais, que preveem um tensionamento propositado de gêneros, repertório e categorias basilares capaz de questionar tanto a hora histórica, quanto o próprio campo literário. Na experiência coral de Lino, cruzam-se vozes, elementos não verbais, sobrepõem-se registros e modos expressivos diversos, criando a instabilidade cada vez mais presente nas produções atuais.

Ainda no que tange ao embaralhamento característico das composições contemporâneas, a crítica argentina Jofina Ludmer apresenta em seu texto *Literaturas pós-autônomas* (2007) o termo “realidadeficção”, defendendo que tais manifestações são ao mesmo tempo realidade e ficção. A ambivalência entre as fronteiras de vida e arte, realidade e ficção, põe em xeque a própria condição de criação de uma obra como **Aula de música** na qual os desenhos das personagens que compõem o texto buscam recriar não só a autora, mas também a equipe responsável pela elaboração do livro, como se elas (autora e equipe) representassem teatralmente esses papéis, no livro, sugerindo o embricamento entre realidade e ficção e a confusão entre sujeito e objeto.

Aula de música faz referência a Lino, uma personagem citada no Canto XVIII, da **Íliada** de Homero, em que é descrito o escudo de Aquiles, nos versos 569 a 571. Podemos ler esses versos, segundo a tradução de Carlos Alberto Nunes:

Com uma lira sonora, no meio do grupo, um mancebo /o hino de Lino entoava com voz delicada, à cadência/ suave da música, e todos, batendo com os pés, compassados, / em coro, alegres, o canto acompanham, dançando com ritmo (Homero, 2015, p. 405).

Lino, segundo as referências mitológicas, é um músico tebano estupendo e é registrado pela Biblioteca do Pseudo Apolodoro². Neste livro – obra elaborada como compilação, (a exemplo da **Teogonia** de Hesíodo), de todos os mitos gregos, organizados em genealogias – é narrado o episódio em que Lino, professor de música de Hércules (Em Roma, conhecido como Hércules), o qual não é dado às sutilezas necessárias para o aprendizado dessa arte. Lino, por sua vez, é rigoroso e procura corrigir o discípulo com castigos. Até o momento em que Hércules se irritou com o velho mestre e o matou com o próprio instrumento musical. Hércules é o herói grego, filho de Zeus e autor dos doze trabalhos e tão comemorado pelo Ocidente. Enquanto Lino caiu no esquecimento, Hércules é celebrado até hoje. Aliás, no **Dicionário da Mitologia Grega e Romana** de Pierre Grimal, Hércules é apontado como “o herói mais popular e o mais célebre de toda a mitologia clássica” (Grimal, 2005).

Na **Biblioteca Mitológica** do Pseudo Apolodoro, é informado que Lino nasceu: “[1.3.2] De Calíope e Eagro, ou de Apolo segundo alguns, nasceu Lino, que foi morto por Hércules, e Orfeu, que executava o canto com cítara e movia pedras e árvores” (Pseudo Apolodoro, 2016)³. E a seguir que:

[2.4.9] Heracles foi instruído na condução do carro por Anfitrião, a lutar por Autólico, a disparar o arco por Éurito, a combater com armas pesadas por Cástor, a cantar ao som da

cítara por Lino, que era irmão de Orfeu. Aquele veio a Tebas e se fez tebano e foi morto por Hércules, que o golpeou com a cítara, irritado por um castigo imposto por Lino e por isso o matou. Alguns o levaram ante a justiça por assassinato, mas Hércules invocou a Lei de Radamantis, segundo a qual aquele que repele uma agressão a alguém que lhe agredira sem razão era inocente, e assim foi absolvido (Pseudo Apolodoro, 2016, p. 48).

A leitura do clássico é tão distante, que podemos perguntar o que temos a ver com isso? Patrícia Lino, em recente evento na UERJ para homenagear José Miguel Wiznik, disse que “a Grécia também é local de disputa”. Parecia invocar as teses sobre o conceito de História de Walter Benjamin, o qual escreveu que “enquanto os sofrimentos de um único ser humano forem esquecidos, não poderá haver libertação” (Benjamin apud Löwy, 2020) ou sobre a necessidade de se escovar a história a contrapelo.

Revisitar os mitos que parecem consolidados em nosso imaginário – nesta sociedade da aceleração, como se refere Harmut Rosa, em livro homônimo – em que, por mais que tenhamos a tecnologia para economizar o tempo, cada vez temos menos tempo para fazer as coisas que queremos – é colocar em cheque as próprias bases deste imaginário e desta sociedade. Ousar penetrar num livro tão poderoso e vigoroso quanto é a **Ilíada**, ainda que de forma bem lateral e timidamente a partir de uma personagem apenas minimamente citada sem importância, é se permitir questionar essa Grécia masculina, branca e loura, por meio de um olhar fresco sobre esse livro tão importante (mas tão antigo)...

Em **Aula de música**, se juntarmos o poema disposto nos quadrinhos, iremos ler:

Herácles chegou atrasado/ carregando a lira pelo jugo./Expirava furioso ao pousá-la sobre o colo/ Quando Lino o repreendeu./ Herácles endireitou-se e/ repetindo os gestos dos companheiros/ Tocou o primeiro acorde/ A lira vibrava em desespero/ Orfeu e Tâmiris suspiraram./Lino interrompeu a pequena orquestra e/ depois de encaminhar-se sorridente para Hércules/ acomodou-lhe os enormes e desastrosos dedos entre as seis cordas/ pediu-lhe que tocasse de novo./Hércules tocou./Lino, filho de Urânia e Apolo/ inventor da melodia/ vencedor dos jogos dos argivos/ o primeiro a cantar ao som da harpa/ moveu então para cima/ o indicador mastodôntico do filho de Zeus/ sem antecipar/porém/ que o estudante se levantaria./ Hércules levantou-se/ o professor encolheu-se/perante seu braço musculado/erguendo a pequena lira no ar/ Lino pode soltar três lamentos inaudíveis/até que Hércules o esmagasse/ Orfeu e Tâmiris correram em seu socorro/ Lira e cabeça abertas ao meio/ pois não perde sempre/a delicadeza/ para a força bruta?/ E a Grécia chorava (Lino, 2022, p. 12-41).

Sensivelmente é possível observar o disparate entre a versão de Patrícia Lino com relação ao relato do Pseudo Apolodoro, pois, neste, Hércules se livra da acusação apresentando para se defender uma lei que lhe garantia a legítima defesa, pois ele estaria apenas reagindo a uma agressão que lhe havia sido feita anteriormente. No poema, indagamos qual a agressão que o professor de música podia cometer em face do grande e imenso guerreiro grego? Não seria a absolvição de Hércules – como o poema infere “pois não perde sempre a delicadeza para a força bruta? - a vitória da violência contra a Arte e a Cultura? Ou ainda como escreve Benjamin:

Todo aquele que, até hoje, obteve a vitória, marcha junto no cortejo de triunfo que conduz os dominantes de hoje (a marcharem) por cima dos que, hoje, jazem por terra. A presa como sempre de costume, é conduzida no cortejo triunfante. Chamam-na bens culturais (Benjamin Apud Löwy, 2020, p. 70).

O assassínio cometido por Hércules guarda bem mais do que aquilo que parece. Pois, promove a vitória da violência, da força bruta, da guerra sobre os valores artísticos, sobre a música, sobre a sensibilidade, sobre a paz.

Se pensarmos de acordo com a ideia de *nachleben*, a sobrevivência (da imagem), como foi elaborada por Aby Warburg, ainda que tenha sido construída para um contexto histórico e artístico preciso: o quattrocento italiano, podemos dizer como escreveu Georges Didi-Huberman:

Warburg, substituiu o modelo natural dos ciclos de “vida e morte”, “grandeza e decadência”, por um modelo decididamente não natural e simbólico, um modelo cultural da história, no qual os tempos já não eram calcados em estágios biomórficos, mas se exprimiam por estratos, blocos híbridos, rizomas, complexidades específicas, retornos frequentemente inesperados e objetivos sempre frustrados. Warburg substituiu o modelo ideal das “renascenças” (...) por um modelo fantasmal da história, no qual os tempos já não se calcavam na transmissão acadêmica dos saberes, mas se exprimiam por obsessões, “sobrevivências”, remanescências, reaparições das formas (Didi-Huberman, 2013, p. 25).

Aby Warburg buscará comprovar esse projeto de ultrapassar o modelo da “vida e morte” na Arte, através do Atlas de *Mnemosyne*, por meio da montagem persistente do desenvolvimento (e movimento) das imagens ao longo do tempo, na obra de diversos autores, da permanência de traços, gestos e figurações, podem ser encontrados os fantasmas que nos remetem a um tempo antigo. Nossa hipótese, portanto, é a de que a imagem de Hércules é que se manteve sobrevivente, mesmo como “fantasma”, como presença, como valor dos vencedores, enquanto a de Lino, o vencido, foi aquela eclipsada, escondida, oculta, esquecida, abafada e sonogada.

Essa transmissão da imagem de Hércules não se faz de uma forma linear e tranquila, mas como escreve ainda Didi-Huberman, através da instabilidade, pois:

(...) os tempos já não se calcavam na transmissão acadêmica dos saberes, mas se exprimiam por obsessões, “sobrevivências”, remanescências, reaparições das formas. Ou seja, por não-saberes, por irreflexões, por inconscientes do tempo. Em última análise, o modelo fantasmal de que falo era um modelo psíquico, no sentido de que o ponto de vista do psíquico não seria um retorno ao ponto de vista do ideal, mas a própria possibilidade de sua composição teórica. (...) um modelo sintomal, no qual o devir das formas devia ser analisado como um conjunto de processos tensivos – tensionados, por exemplo, entre vontade de identificação e imposição de alteração, purificação, hibridação, normal e patológico, ordem e caos, traços de evidência e traços de reflexão (Didi-Huberman, 2013, p. 25).

Em **Aula de música**, como “poema em quadrinhos”, os desenhos das personagens remetem e são emprestados à imagem de outros poetas e editores, pois lemos, no livro: “Personagens/ Miguel-Manso como Hércules/Otávio Campos como Orfeu/Patrícia Martins Marcos como Tâmiris/A Autora como Professor Lino” (Lino, 2022, p. 9).

Ao transformar, portanto, o Professor Lino em uma mulher é possível associar o episódio à violência contra a mulher. E mais do que isso, tendo em vista a diferença entre gênero e sexo, nos desenhos, do Professor Lino, podemos pensar num crime de transfobia.

E se tivermos um olhar mais detido sobre a biografia do herói grego descobriremos que ele, também, num acesso de cólera, matou sua esposa, Mégara e seus oito filhos. E atribuiu este seu feito à deusa Hera que lhe cegou os sentidos. Novamente não foi punido pelo crime.

Consultou o Oráculo de Delfos que lhe orientou que se prontificasse a servir seu primo Euristeu por doze anos e cumprir os respectivos doze trabalhos.

Hércules, portanto, é o símbolo de valores dominantes e que necessitamos superar. É importante fomentar a transformação e o devir desses valores. Para tanto, podemos finalizar, citando uma passagem de Deleuze e Guattari justamente sobre o devir, em *Mil Platôs*:

Por que há tantos devires do homem, mas não um devir-homem? É primeiro porque o homem é majoritário por excelência, enquanto os devires são minoritários, todo devir é um devir minoritário. Por maioria nós não entendemos uma quantidade relativa maior, mas a determinação de um estado ou de um padrão em relação ao qual tanto as quantidades maiores quanto as menores serão ditas minoritárias: homem-branco, adulto-macho, etc. Maioria supõe um estado de dominação, não o inverso (...) mas como “o homem” construiu no universo um padrão em relação ao qual os homens formam necessariamente (analiticamente) uma maioria (...) É nesse sentido que as mulheres, as crianças, e também os animais, os vegetais, as moléculas são minoritários. É talvez até a situação particular da mulher em relação ao padrão-homem que faz com que todos os devires, sendo minoritários, passem por um devir-mulher. (...) Reterritorializamo-nos, ou nos deixamos reterritorializar numa minoria como estado; mas desterritorializamo-nos num devir. Até os negros, (...) terão um devir-negro. Até as mulheres terão que devir-mulher... (Deleuze e Guattari, 2012, p. 92-93).

Portanto, é necessário que busquemos revalorizar muito mais as condutas de Lino do que as de Hércules. Ao celebrarmos os feitos de Hércules, estamos celebrando o assassinato e a violência, optando por um modelo social que não por acaso reina até hoje no Ocidente e que tem por baluartes o capitalismo, o neoliberalismo, o fascismo, a misoginia, a trans e a homofobia, o racismo e a exclusão. Paralelamente, incentiva a desvalorização da delicadeza e dos saberes artísticos em todas as suas formas. Parafraseando a música do ganhador do Prêmio Camões, Chico Buarque, é preciso de um “tempo da delicadeza”.

Notas

¹ Retirado de: <<https://www.patricialino.com/bio.html>>

² A obra Biblioteca Mitológica era atribuída a Apolodoro de Atenas que viveu entre os séculos I e II. No entanto, essa ideia foi refutada e hoje atribui-se o texto ao bibliotecário, também chamado de Pseudo Apolodoro ou [Apolodoro].

³ “[1.3.2] De Calíope y Eagro, o de Apolo según se dice, nació Lino, al que mató Heracles, y Orfeu, que practicaba el canto con cítara y movía piedras y árboles” (PSEUDO-APOLODORO, 2016, p. 11). Tradução nossa do espanhol.

Referências

Apolodoro. (2016). Biblioteca mitológica. Madrid: Alianza Editorial.

Benjamin, W. (2016). Magia, técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Volume 1. São Paulo: Brasiliense.

Deleuze, G., & Guattari, F. (2020). Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia 2. Volume 4. São Paulo: Editora 34.

Didi-Huberman, G. (2013). A imagem sobrevivente. Histórias da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Rio de Janeiro: Contraponto Editora.

Grimal, P. (2005). Dicionário da Mitologia Grega e Romana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Homero. (2015). *Ilíada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Lino, P. (2022). *Aula de música. Poema em quadrinhos*. Juiz de Fora: Capiranhas do Parahybuna.

Löwy, M. (2020). *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses "Sobre os conceitos de história"*. São Paulo: Boitempo.

Ludmer, J. (2007). Literaturas pós-autônomas. *Ciberletras. Revista de Crítica Literária y de Cultura*, 17. Recuperado de <https://goo.gl/q4bHaz>

Süssekind, F. (2013, 21 de septiembre). *Objetos verbais não identificados: um ensaio de Flora Süssekind*. *O Globo*. Recuperado de <https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/objetos-verbais-nao-identificados-um-ensaio-deflora-sussekind-510390.html>